

# Moda Indígena por Rodrigo Tremembé.

“O VESTIR É ANCESTRAL.” É título do editorial de moda indígena de Rodrigo Tremembé, 25, residente na Aldeia Córrego João Pereira, Itarema, Ceará, que à convite da Revista Inspiração Teen, expõe peças de vestuário com traços étnicos do povo Tremembé reforçando a necessidade de indigenizar a moda.

Rodrigo apresenta em seu editorial o vestido “Jabuti” que leva dois grafismos, o primeiro, presente na parte superior da peça representa o Jabuti que simboliza longevidade, saúde e metas alcançadas, e o segundo na barra do vestido, o grafismo îepitak que significa “firme, resistente” . Na peça masculina, o macacão “Poçanô”, leva o grafismo também intitulado “Poçanô” que na língua Tremembé significa “curar, sanar” e representa a cobra coral que leva consigo a simbologia de poder de cura, regeneração e vitalidade. Ambas as peças levam um acessório feito de sementes de pau-brasil e argola de bilro, ao qual o designer chama de “Mboîa pirang” que significa no Poromongûetá (língua do povo Tremembé), “cobra vermelha” em alusão a cobra coral.

As fotos oficiais da coleção estarão disponíveis com detalhes em breve na Revista Inspiração Teen (de mídia indígena e negra), idealizada pelo professor de arte e editor chefe, Rúbens Santa Brígida.

Prévia disponível na Tremembé (Marca de vestuário Indígena idealizada pelo diretor criativo Rodrigo Tremembé)

Acesso Instagram : @tremembe\_

[https://instagram.com/tremembe?utm\\_medium=copy\\_link](https://instagram.com/tremembe?utm_medium=copy_link)

Direção Criativa: Rodrigo Tremembé.

Fotos: Stefany Tremembé e Iraê Tremembé.

Beleza: Sthefany Tremembé.

Modelos: Verônica Tremembé, Iraê Tremembé e Rodrigo Tremembé.

# O VESTIR É ANCESTRAL.

Os Grafismos sempre estiveram presentes na cultura de povos Originários "Vestindo" corpos e expressando por meio da pele suas simbologias sagradas.

A colonização veio para nos vestir ao modo eurocêntrico, hoje sobretudo, esse sistema alimenta o fast fashion e incentiva o consumismo desenfreado através de suas coleções e tendências feitas para não durarem, fazendo com que a indústria da moda seja a segunda maior consumidora de água do planeta, sem falar que, em países da Europa essa mesma indústria explora a mão de obra infantil e o trabalho escravo com longas jornadas de trabalho.

Quando um indígena produz para a indústria criativa falando sobre apagamento de povos indígenas e a falta de representatividade na moda, abre-se espaço para questionamentos, sobre que tipo de roupa estamos vestindo e como esse sistema vem alimentando padrões que incentivam o consumismo desenfreado e como esse modelo de consumo reproduz constantemente estereótipos em suas campanhas, coleções, desfiles, Etc.

Fazer Moda Indígena é a base para buscar mudanças no modo que vemos a forma de vestir-se. Produzir vestimentas étnicas em um contexto moderno é propor uma ruptura com as dinâmicas imposta pelo colonialismo - e que ainda estão em curso-, em vestir povos originários levando-os a um desvio existencial.

Moda Indígena é essencialmente um ato político. Afirmar que "O VESTIR É ANCESTRAL", é ressignificar a colonização de corpos indígenas, onde há a possibilidade de simbiose entre o vestir (fruto do ego conquistador europeu) e a resistência de povos que contam histórias e lutas através de suas vestimentas. Dessa forma a moda indígena torna-se ferramenta de descolonização ao romper com a romantização colonialista do nu indígena, fazendo convite a nos "despir" do pensando colonial de "índio" genérico, homogêneo, ao qual nos definiram e pintando nossas histórias com nossas próprias cores.

*Rodrigo Tremembé.*



**Vestido “Jabuti” e Macacão “Poçanô” – Foto : Sthefany Tremembé.**



**Croqui de moda Macacão "Poçanô" e Vestido "Jabuti"**



*\*Foto Horizontal\**



***Vestido Jabuti – Foto: Iraê Tremembé.***



**Macacão "Poçanô" – Foto: Iraê Tremembé.**



**Camisa “Poçanô” – Foto : Sthefany Tremembé.**





**Camisa "Poçanô" – Foto: Sthefany Tremembé.**





*Estilista de moda indígena Rodrigo Tremembé.*